

O CORPO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

THE BODY IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS IN THE LIGHT OF THE COMPLEXITY PARADIGM

EL CUERPO EN EL PROCESO ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE A PARTIR DEL PARADIGMA DE LA COMPLEJIDAD

Lorrainy da Cruz Solano^I
Raimunda Medeiros Germano^{II}
Cecília Nogueira Valença^{III}
Fernanda Moraes Malveira^{IV}

RESUMO: O objetivo deste trabalho é refletir sobre o corpo como eixo norteador do processo ensino-aprendizagem da enfermagem mediante a Teoria da Complexidade. O paradigma da complexidade propõe uma educação libertadora porque favorece a reflexão do cotidiano, o questionamento e a transformação social. O corpo é hoje um protagonista que exterioriza os principais extremos da sociedade contemporânea: narcisismo, egocentrismo, alienação, racionalidade, desumanidade entre outros. A enfermagem precisa pensar na condição de objeto que produz o corpo na ordem da sociedade moderna para tentar aproximar-se de práticas integrativas mais éticas, solidárias e humanas.

Palavras-chave: Educação; enfermagem; corpo humano; educação em enfermagem.

ABSTRACT: This paper aims at thinking over the body as guideline for the teaching-learning process in nursing under the light of the Complexity Theory. The complexity paradigm proposes a liberating education because it improves daily reflection, questioning, and social transformation. The body takes a leading role in contemporary society as it inscribes primary social extremes: narcissism, egocentrism, alienation, rationality, inhumanity, and others. Nursing should take account of the condition of object producing the body in modern society to approach integrative practices on higher ethical and humanized grounds.

Keywords: Education; nursing; human body; education, nursing.

RESUMEN: Este artículo reflexiona sobre el cuerpo como una guía de enseñanza-aprendizaje de la enfermería por la teoría de la complejidad. El paradigma de la complejidad propone una educación liberadora, ya que mejora la reflexión diaria, el interrogatorio y la transformación social. El cuerpo es ahora un protagonista que pronuncia las principales extremos de la sociedad contemporánea: narcisismo, egocentrismo, alienación, racionalidad, deshumanización y otros. Las enfermeras deben considerar la condición de objeto que el cuerpo produce en el orden de la sociedad moderna para intentar acercarse de prácticas integradoras más éticas, solidarias y humanas.

Palabras clave: Educación; enfermería; cuerpo humano; educación en enfermería.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, o corpo humano emerge como protagonista na vida cotidiana, nos modos de ser e de viver, não como um corpo qualquer, mas aquele que traduz os valores narcíseos considerados como dogmáticos nas construções das identidades e subjetividades da condição humana.

O corpo catalisa a ordem simbólica social¹. Ordenada esta que tem seus pilares fundamentais fincados no ideário hegemônico neoliberal que prega o individualismo, a condição do homem como máquina, o biologicismo, a fragmentação, a especialização, a racionalidade, entre outros.

^IEnfermeira. Mestre em enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo e membro da Base de Pesquisa Caleidoscópio de Educação e Enfermagem. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: lorrainycsolano@yahoo.com.br

^{II}Enfermeira. Doutora em Educação. Professora do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação de mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Líder da Base de Pesquisa Caleidoscópio de Educação e Enfermagem. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: rgermano@natal.digi.com.br

^{III}Enfermeira. Doutoranda em enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Membro da Base de Pesquisa Caleidoscópio de Educação e Enfermagem. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: cecilia_valenca@yahoo.com.br

^{IV}Acadêmica de enfermagem do sétimo período do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de iniciação científica. Membro da Base de Pesquisa Caleidoscópio de Educação e Enfermagem. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: fernanda_malveira@yahoo.com.br

A enfermagem está no cerne das questões que envolvem o corpo nesta discussão. Isso se deve ao fato de que a enfermagem, no Brasil, vem percorrendo, no decorrer dos anos, uma trajetória pontilhada de dificuldades, refletindo, em cada momento, o contexto histórico e específico da sociedade brasileira². Assim, a enfermagem não se distancia do debate sobre o corpo, pelo contrário, colabora para enriquecê-lo, acompanhando a efervescência da atual conjuntura social e histórica brasileira.

Nessa perspectiva, podemos refletir sobre o corpo como eixo norteador do processo ensino/aprendizagem da enfermagem a partir da teoria da complexidade num diálogo com os autores que tenham discutido esta temática.

A inquietação inicial para este estudo surgiu na coleta de dados de nossa pesquisa monográfica de conclusão de curso, que objetivava analisar os estigmas vivenciados por mulheres mastectomizadas e o processo de trabalho da enfermagem. Na coleta de dados, grande dor e sofrimento foram referidos pelas entrevistadas, sintetizados na fala de uma delas ao ser questionada sobre sua autoimagem pós-mastectomia: *Eu estou viva em pedaços*. Essa fala e toda sua carga subjetiva está tatuada em nossa lembranças como um grito que não para de ressoar.

Fomos tomadas pelo desejo de nos aproximarmos desse universo plural, polifônico, polissêmico, solidário, humano. Surgiu como uma resposta à dor de nossa entrevistada, a ideia de pensar o corpo como matriz pedagógica na enfermagem, na ideia poética e humanizada dos corpos em movimento que pudemos conhecer naquela ocasião.

Acreditamos que o cuidado amoroso e a humanização propalada em nível de programas oficiais caminham na mesma direção, possibilitando ofertar-se um cuidado que atenda às necessidades humanas do usuário, respeitando sua dignidade, permitindo-lhe o protagonismo de sua própria história, diminuindo o sofrimento tanto deste como de sua família, quanto do servidor da saúde, facilitando a todos o alcance de seu projeto vital³.

Para tentar dar conta da magnitude de nossa problemática iremos tecer a discussão procurando definir nossa escolha pela teoria da complexidade como método para tentar responder a nossos questionamentos. Em seguida, iremos dialogar com o contexto no qual o corpo está inserido.

Este é um convite para pensarmos no corpo (nosso e do outro) em sua integralidade, poesia, musicalidade, vida/morte, numa aposta em que podemos ser maiores e melhores, como pessoas, e mais ainda como profissionais.

Assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre o corpo como eixo norteador do processo ensino-aprendizagem da enfermagem mediante a teoria da complexidade.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O método como estratégia cognitiva nos encanta pela pluralidade de caminhos, a imprevisibilidades de resultados e abertura ao novo e incerto. Os problemas de nossa era⁴, a era planetária, trazem dilemas e desafios onde o local e o global são indissociáveis. Assim, o intenso desenvolvimento científico, técnico e econômico propiciam um devir comum para toda a humanidade planetária: uma característica de comunidade de destino⁴.

O Paradigma da Complexidade propõe uma educação emancipadora justamente porque favorece a reflexão do cotidiano, o questionamento e a transformação social. Ao passo que, concepções reducionistas, revestidas de pensamentos lineares e fragmentados, valorizam o consenso de uma pedagogia que, visando à harmonia e à unidade, acaba por estimular a domesticação e a acomodação⁵.

Nosso desejo é pensar no corpo como matriz pedagógica a partir do paradigma da complexidade e sua premissa de método como caminho que se faz caminhando. Método é uma disciplina do pensamento, algo que deve ajudar a qualquer um a elaborar sua estratégia cognitiva, situando e contextualizando suas informações, conhecimentos e decisões, tornando-o apto para enfrentar o desafio onipresente da complexidade. Trata-se de um método de aprendizagem na falha e na incerteza humanas⁴.

Precisamos pensar em outra concepção do método: o método como caminho, ensaio gerativo e estratégia *para e do* pensamento. O método como atividade pensante do sujeito vivente, não abstrato. Um sujeito capaz de aprender, inventar e criar *em e durante* o seu caminho⁴.

Nessa ideia de ruptura paradigmática nos lançamos na edificação deste ensaio, tendo em vista ser o ensaio uma expressão escrita da atividade pensante e da reflexão, é a forma mais adequada para a forma moderna de pensar⁴.

Essa escolha paradigmática repousa no pensamento de que saber é fazer e fazer é saber. Porém, a ação e o comportamento surgem da operação da corporeidade do organismo, de acordo com sua estrutura no momento de sua ação ou conduta. São nossas emoções (desejos, preferências, medos, ambições...) – e não a razão – que determinam, a cada momento, o que fazemos ou deixamos de fazer, mas a vida que vivemos, o que somos e o que chegaremos a ser. São sempre o nosso fazer⁶. Assim, procuramos ir em direção ao saber/fazer.

O CORPO, A ENFERMAGEM E A CONTEMPORANEIDADE

Em primeiro lugar, os corpos tornaram-se gradualmente plásticos e maleáveis⁷. Nesta perspectiva, o corpo ganhou centralidade na cultura ocidental. Apesar de ter sido escondido, temido e desvalorizado

durante muitos séculos, hoje, diferentemente, é supervalorizado, cuidado e modelado, pois ao corpo são atribuídos os sucessos e as virtudes do indivíduo contemporâneo⁸.

A condição paradoxal na qual está o corpo neste momento histórico nos chama a atenção pela carga subjetiva que traz para o indivíduo, com desdobramentos para seu modo de viver, adoecer e morrer. De um lado é o epicentro da condição de ser sujeito social e do outro, fonte de dor e sofrimento produzida pelo impacto da visão paradigmática dominante sobre o corpo: fragmentado, mercantilizado, estereotipado, entre outras ações depreciativas.

Ademais, dicotomiza a concepção de corpo feminino e masculino referendada por um processo histórico e cultural, presente desde a Antiguidade, que se consolida após o século XVIII com o discurso e as práticas médicas, guardando alguns vestígios na contemporaneidade, que postula um corpo ontologicamente diferente para o masculino e para o feminino, dotando este de uma inferioridade dada pela natureza. Esse pensamento se distancia do entendimento da situação e do espaço que o corpo, seja masculino ou feminino, ocupa no cenário sociopolítico e afeta as representações e autorrepresentações do gênero⁹.

Para entender como surgiu essa visão mercantilizada do corpo humano, como mero objeto descartável de troca, venda e consumo, precisamos compreender como a era planetária foi sendo consolidada. É importante conhecer a historicidade para que seja possível nos aproximar das principais questões de nossa era, onde o corpo é um dos muitos símbolos do poder das verdades absolutas.

Pensamos assim porque um conhecimento só é pertinente na medida em que se situe num contexto. Uma informação só tem sentido numa concepção ou numa teoria. Do mesmo modo, um acontecimento só é inteligível se for possível restituí-lo em suas condições históricas, sociológicas ou outras¹⁰.

A era planetária começou entre o final do século XV e o início do XVI, com a descoberta da América por Colombo, a circunavegação por Magellan, a descoberta copernicana de que a terra é um planeta que gira ao redor do sol. Esta era desenvolveu-se por meio da colonização, da escravidão, da ocidentalização e das múltiplas relações e interações entre as diferentes partes do globo. Iniciada em 1990, a globalização estabeleceu um mercado mundial e uma intensa rede de comunicações ramificada por todo o planeta⁴. A partir dessas raízes históricas é que podemos visualizar as raízes que norteiam o nosso cotidiano para entender como o corpo ganhou a atual centralidade na ordem mundial.

Examinando algumas motivações gerais, típicas de nossa era, elas estão voltadas para três fenômenos: em primeiro lugar, a transformação do mercado, universalmente reconhecido na sua função de estímulo da economia, e considerado por muitos como

um pressuposto da liberdade, não só num valor moral, mas no meio, princípio e fim de toda atividade humana. Em seguida, emerge uma maior aceitação das desigualdades entre cidadãos e povos como um fato inevitável. E por fim, a concepção de que a tecnologia possa consertar qualquer erro da natureza e qualquer que seja o dano produzido por causas humanas; pelo seu poder quase miraculoso, ela deve ser desvinculada de qualquer regra¹¹.

Semelhante ao corpo sobre a mesa de exame, a célula sob a lente do microscópio, a sociedade atual está sob averiguação. A codificação, homogeneização e normalização do corpo teve na clínica seu maior sucesso, porém, não se pode colocar em igual situação as tecnologias que insinuaram tamanha tarefa no corpo social, igualmente tomado pela ciência. A possante tecnologia da ciência moderna para ler o real, produzir visibilidade e descritibilidade não pode ser tão perfeita¹².

Num passeio panorâmico pelas principais características históricas, sociais, econômicas, culturais e políticas da atual conjuntura começamos a perceber como o corpo entrou como protagonista.

De uma forma geral, acreditava-se desde Platão sobre a *instrumentalidade do corpo*, ou seja, a apreensão do corpo como instrumento da alma somente, sendo esta noção abandonada em Descartes quando ele instituiu a separação entre alma e corpo (como entre duas substâncias diferentes). Nessa perspectiva filosófica nasce o pensamento de que o corpo é uma máquina, uma máquina que caminha por si. Dessa forma, a tese cartesiana influenciou o pensamento e os paradigmas de investigação científica acerca da questão do corpo¹³.

Ainda hoje podemos observar que a abordagem biomédica se molda em sua maior vertente na concepção do corpo humano como uma máquina que deve ser estudada e cuidada a partir de suas partes, daí o surgimento de tantas especialidades e subespecialidades, reduzindo o ser humano, situando-o ao nível da máquina orgânica. Com isso, os modelos assistenciais de saúde foram se moldando a esta noção e incorporando-a nas próprias relações interpessoais com os seus clientes. A enfermagem não ficou alheia a este processo de coisificação e mecanização do homem, apesar de sustentar em suas raízes uma herança idealista e religiosa/cristã¹³.

A enfermagem está no cerne das questões que envolvem o corpo no atual contexto. Nosso saber/fazer está direcionado para se adequar à visão de mundo que robotiza, aliena, traz dor e sofrimento àquele que deveria ser o centro norteador de nossa formação: o corpo.

Precisamos pensar no que nos distingue das máquinas qual seja unicamente nossa carne divina, do mesmo modo a inteligência humana se distingue da artificial apenas pelo corpo. Em qualquer atividade a que nos dedicamos, o corpo é o suporte da intuição, da memória, do saber, do trabalho e, sobretudo, da invenção¹⁴.

Pensar o contrário colocar-nos-ia na condição de contra-hegemônicos ao paradigma que na saúde é conhecido como flexneriano.

Neste trabalho empregamos a palavra paradigma como uma escolha da visão de mundo em função de um princípio lógico que une conceitos fundamentais¹⁰. Desse modo, o paradigma flexneriano vem determinando os processos de trabalho no cenário da saúde brasileiro. Este se expressa por meio de um conjunto de elementos que coexistem, se complementam e se potenciam, são eles: o mecanicismo, o biologismo, o individualismo, a especialização, a tecnificação e o curativismo¹⁵. Como vemos nesta visão de mundo, o corpo não tem espaço para ser nem viver livremente, e sim para ter, funcionar e aplicar.

O paradigma predominante dita a formação da enfermagem e nos produz, imprimindo em nossos corpos formas de ser e habitar o mundo, isto é, formas de viver e ser saudável provenientes de saberes sobre o corpo que, além de atingirem os corpos dos usuários, se exercem sobre o nosso próprio corpo, espaço possível de subjetivação. Assim sendo, o olhar do enfermeiro, treinado pelo paradigma flexneriano, tem o poder de produzir corpos frios, onde as diferenças, de sexo, gênero, raça, idade ou profissão tendem a ser consideradas apenas quando o objetivo é classificar esse corpo, para então enquadrá-lo e prescrever para ele, como se fato de pertencer a um certo quadro produzisse uma identidade comum entre os corpos¹⁶.

O nosso convite é para o ser humano buscar reencantar-se com a sabedoria do corpo. Não o corpo objeto, imposto pela sociedade do consumo. Contudo, o corpo vivo que trabalha, sente prazer, sofre de amor, sente fome, molda, transforma, conforma, liberta-se. Corpos onde podem ser lidas todas as informações geradas pelo universo da cultura no tempo e no espaço. Universo que mantém vivo este corpo e ao mesmo tempo é sustentado por ele. Corpos que dançam e se movimentam com emoção e desejo. Corpos que gesticulam, saltam, cortejam, enfim, vivem¹⁶.

Temos muito a aprender com o corpo eixo norteador de nossa formação acadêmica. Não seriam conhecimentos aprisionados ao cientificismo e utilitarismo, mas conhecimentos para a vida, com compromissos éticos, humanos e solidários. Conhecimentos preocupados com o destino dos homens, da vida em geral, do planeta e do cosmo.

Não existe nada no conhecimento que não tenha estado primeiro no corpo inteiro, cujas metamorfoses gestuais, posturas móveis e a própria evolução imitam tudo aquilo que o rodeia. Portanto, a origem do conhecimento, e não somente a do conhecimento intersubjetivo, mas também do objetivo, reside no corpo¹⁴.

O corpo re-liga saberes e fazeres porque trazem na memória da pele informações geradas pela nossa condição humana, totalmente cultural e também bi-

ológica. Atualmente, sabemos o quanto nos desviou da saúde integral a concepção moderna que dissociou o corpo da alma e do espírito. Perdemos a coesão e a congruência; mais do que isto, perdemos a transparência. A fragmentação epistemológica também refletiu-se no homem e na sociedade, separando o organismo do meio ambiente, enfatizando as fronteiras e os conflitos¹⁷.

Sendo assim, diante as constatações emitidas até aqui, evidencia-se o desafio de se repensar os modelos tradicionais de ensino que vêm sendo desenvolvidos e de superá-los. Deverá ter-se como objetivo um processo de ensinar e aprender centrado na relação dos sujeitos envolvidos no cuidado que deve favorecer um relacionamento de cuidado^{18,19}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dor e o sofrimento foram banalizados e medicalizados pela sociedade vigente, através dos discursos e práticas respaldadas pela ideologia hegemônica. Estamos analgesados pela era do consumo, do imediatismo, do individualismo e dos padrões estéticos.

A enfermagem, como parte constituinte do processo de trabalho em saúde que por sua vez congrega a produção dos serviços de saúde inserido na arena sanitária brasileira, acaba por reproduzir a ideologia dominante.

Nossos saberes e fazeres foram edificados para manter o *status quo*, privilegiando a classe dominante em detrimento das necessidades sociais e de saúde da grande maioria da população do Brasil. A saúde como direito de todos e dever do Estado, como está garantido na nossa Constituição, estão presos nos discursos e postulados.

Pensando assim é que o corpo emerge como matriz pedagógica. Não o corpo anátomo-fisiológico ou de bonecos de estudo que nos são apresentados na academia. São os nossos corpos e os dos outros com suas incompletudes, belezas, singularidades, emoções/sentimentos, sonhos e integralidade. Não estamos vivos em pedaços, somos um todo com nossas partes inseparáveis e com a mesma importância do todo, numa relação dialógica.

REFERÊNCIAS

1. Rodrigues JC. Tabu do corpo. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.
2. Germano RM. Educação e ideologia da enfermagem no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora; 1985.
3. Grudtner DI, Carraro TE, Sobrinho SH, Carvalho ALG, Campregher G. O amor no cuidado de enfermagem. Rev enferm UERJ. 2010; 18:317-21.
4. Morin E. Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2007.

5. Silva AL, Camillo SO. A educação em enfermagem à luz do paradigma da complexidade. *Rev esc enferm USP*. 2007; 41:403-10.
6. Maturana HR, Verden-Zöllner G. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena; 2004.
7. Ortega F. Corporeidade e biotecnologias: uma crítica fenomenológica da construção do corpo pelo construtivismo e pela tecnobiomedicina. *Ciênc saúde coletiva*. 2007; 12:381-8.
8. Montagner MA, Leal VCLV, Catrib AMF, Amorim RF. O corpo, a cirurgia estética e a saúde coletiva: um estudo de caso. *Ciênc saúde coletiva*. 2010. 15:77-86 [citado em 04 abr 2012]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n1/a13v15n1.pdf>
9. Fernandes MGM. Problematizando o corpo e a sexualidade de mulheres idosas: o olhar de gênero e geração. *Rev enferm UERJ*. 2009; 17:418-22.
10. Almeida MC, Carvalho EA, organizadores. Edgar Morin: educação e complexidade os sete saberes e outros ensaios. 4ª ed. São Paulo: Cortez; 2007.
11. Berlinguer G, Garrafa V. O mercado humano. 2ª ed. Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília; 2001.
12. Ramos FRS, Nitschke RG, Borges LM. A bioética nas contingências do tempo presente – a crítica como destino? *Texto contexto - enferm*. 2009; 18:788-96.
13. Silva RMCRA. O corpo como veículo da relação entre a enfermeira e o cliente. *Rev enferm UERJ*. 1995; 3:37-42.
14. Serres M. Variações sobre o corpo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2004.
15. Mendes EV. Uma agenda para a saúde. São Paulo: Hucitec; 1996.
16. Kruse MHL. Os poderes dos corpos frios: das coisas que se ensinam às enfermeiras. Brasília (DF): ABEn; 2004.
17. Leloup JY. O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial. 14ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1998.
18. Amorim RC. A questão de gênero no ensinar em enfermagem. *Rev enferm UERJ*. 2009; 17:64-8.
19. Vargens OMC, Clos AC. Repensando discursos sobre o cuidar. *Rev enferm UERJ*. 2011; 19:179.